

Práticas, Métodos e Desafios da Educação Sexual nos Anos Finais do Ensino Fundamental em Pinheiro - MA

Ronaldo Abreu Pimenta

Centro de Estudos Superiores de Pinheiro (CESPI), Pinheiro, MA, Brasil

Vagner de Jesus Carneiro Bastos

Centro de Estudos Superiores de Pinheiro (CESPI), Pinheiro, MA, Brasil

Suelen Rocha Botão Ferreira

Centro de Estudos Superiores de Pinheiro (CESPI), Pinheiro, MA, Brasil

Welberth Santos Ferreira

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, MA, Brasil

RESUMO

A educação sexual é um direito garantido pela LDB, PCN e ECA, essencial para a formação crítica dos alunos. Este estudo, realizado em duas turmas do 8º ano de escolas municipais de Pinheiro-MA, teve como objetivo analisar dificuldades, metodologias e estratégias utilizadas por professores de Ciências na abordagem do tema. A pesquisa, de campo e com abordagem qualitativa, utilizou questionários e a aplicação de uma sequência didática. Os resultados mostraram que os alunos já possuem conhecimentos prévios, porém desorganizados e pouco aprofundados. Observou-se ainda a carência de formação docente específica e de metodologias adequadas. Atividades lúdicas demonstraram potencial para estimular a aprendizagem. Conclui-se que a escola precisa fortalecer políticas públicas e projetos pedagógicos voltados à educação sexual, visando contribuir para a prevenção de problemas como gravidez precoce, ISTs e evasão escolar.

Palavras-chave: Sexualidade. Gênero. Metodologia.

Practices, Methods, and Challenges of Sexual Education in the Final Years of Elementary School in Pinheiro - MA

ABSTRACT

Sex education is a right guaranteed by the LDB, PCN, and ECA, essential for the critical development of students. This study, conducted with two 8th-grade classes from municipal schools in Pinheiro-MA, aimed to analyze the difficulties, methodologies, and strategies used by Science teachers when addressing the topic. This field research, with a qualitative and descriptive approach, involved questionnaires and the application of a didactic sequence. The results showed that students already possess prior knowledge, although disorganized and superficial. The study also identified a lack of specific teacher training and appropriate methodologies. Playful activities proved effective in stimulating learning. It is concluded that schools need to strengthen public policies and pedagogical projects focused on sex education, contributing to the prevention of issues such as early pregnancy, STIs, and school dropout.

Keywords: Sexuality. Gender. Methodology.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Educação Básica Brasileira é composta pelos seguintes níveis de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Em cada um dos níveis de ensino deverá ser buscados argumentos e elementos que convença o quão importante é o ensino sobre da educação sexual, não apenas baseando em métodos contraceptivos e em infecções sexualmente transmissíveis, mas também em busca de proporcionar aos indivíduos o autoconhecimento, para uma formação conscientizada em atuar no meio sexual na prevenção de doenças, no meio social em combate a homofobia, machismo e outras formas de preconceitos (DCN, 2013).

A educação sexual é aquela recebida por todo o indivíduo desde o nascimento até a fase jovem-adulto, e está relacionada na formação de cada indivíduo na aquisição de concepções, valores e comportamentos sexuais. É primordial que seja iniciada na família de forma dialogada e clara, e posteriormente na escola visando o pleno desenvolvimento do educando. A educação sexual deve ser continuada em todos os níveis escolares e indiscriminada para que o indivíduo não se torne refém de moldes sociais (Ribeiro; Bedin, 2013).

A educação sexual faz parte da formação crítica cidadã de cada indivíduo em um meio social, e na escola não é diferente, mesmo sendo tratado como um tema familiar a educação sexual é prevista em lei pelos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs), e assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), onde todos os alunos devam ser instigados a refletir sobre suas ações no meio social, afetivo e sexual. Ao contrário do que muito se pensa a educação sexual não é sobre ensinar a transar, e sim sobre o consentimento, limites e preocupações a respeito do corpo, assim também como descobrimento da sexualidade, e respeito as diversidades sexuais e igualdade de gênero. Além disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) preveem a educação sexual nas escolas desde 1997. Hoje educação sexual está inclusa no dia a dia escolar com uma maior liberdade sobre o conteúdo, como tema transversal a ser aplicado pelas instituições educacionais segundo a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BNCC, 2017).

Diante disso, o presente estudo se justifica pela necessidade de se ensinar educação sexual nas escolas públicas em Pinheiro-MA nos anos finais do ensino fundamental, a fim de demonstrar uma discussão que leve ao entendimento de possíveis problema e quais

caminhos podem ser traçados objetivando-se resolvê-los, e mostrar a importância da educação sexual na formação de cidadãos socialmente responsáveis em todos os âmbitos sociais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, os primeiros passos da inserção da educação sexual operaram-se no campo discursivo da sexualidade de crianças e adolescentes, primeiramente o objetivo da inserção da ES era corrigir “desvios sexuais” comportamentos que fugissem do padrão heteronormativo. Nos anos 1920 a 1930, crianças e adolescentes que demonstrassem os problemas de “desvios sexuais” deixam de ser percebidos como práticas criminosas e passam serem concebidas como doenças. A escola então passa a ser tida como um espaço de intervenção preventiva da medicina higiênica, devendo moldar a sexualidade de crianças e adolescentes a fim de produzir comportamentos heteronormativos (Vidal, 1998). Nos anos 1930, a discussão sobre educação sexual eclodiu ganhando notoriedade na sociedade num momento em que a sífilis uma infecção sexualmente transmissível fazia numerosas vítimas. Nas décadas de 1960, 1970 e 1980, a implementação da educação sexual de forma formal na escola enfrentou muitas represálias de modo que a população conservadora e cristã se opôs com a prerrogativa de com rompimento da inocência de crianças e adolescentes (Vidal, 1998).

Um dos grandes problemas para a implementação da educação sexual nas escolas era o fato de este ser considerado um assunto privado, e de responsabilidade das famílias que por muitas vezes eram contrárias ao ensino nas escolas, por influências religiosas no campo educacional que mantinham um discurso contrário à utilização de métodos contraceptivos (Rosenberg, 1985).

De acordo com o PCNs acreditava-se que mesmo com as famílias e comunidade conservadora apresentando uma grande resistência à abordagem da educação sexual no âmbito escolar, era de interesse público que se introduzem-se o tema nas escolas, tendo em vista a sua necessidade e carência, a fim de ampliar sua discussão, visto de como as famílias ainda encontram dificuldades em abordá-la com suas crianças e adolescentes. Pouco tempo depois, a realidade tornou-se um pouco diferente com a criação dos PCNs que foram essenciais para a adesão da educação sexual nas escolas (Brasil, 1997).

A publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1996, é um marco importante na consolidação da educação sexual como um problema escolar o que não significa necessariamente que a educação sexual seja, de fato, desenvolvida em todas as escolas brasileiras. A responsabilização das escolas pelo ensino da educação é um fenômeno relativamente recente no Brasil, pois até a década de 1990 não havia um consenso entre a escola, família e sociedade (Brasil, 1997).

Por outro lado, a não obrigatoriedade dos PCNs (Brasil, 2000), associada a tendência ao conservadorismo e a estagnação a que a escola está sujeita, como qualquer outra instituição social, é possível que a implantação da educação sexual continue restrita apenas algumas experiências isoladas. Para tanto urge que os professores e as professoras se preparem para intervenções e práticas pedagógicas a partir de leituras e discussões, o que ajudará ampliar os olhares em relação à sexualidade e à visão de mundo, além de assumir uma postura ética nas aulas de ciências (Brasil, 2000).

Para Flora *et al.* (2013, p.126), a educação sexual encontra-se em constante discussão desde o século XX. Os valores éticos, morais e sociais da sociedade portuguesa têm vindo a demarcar-se do conservadorismo e de preconceitos assumidos durante décadas, muito influenciados pelas correntes religiosas conservadoras e por modelos reprodutivos.

3 PROCEDIMENTOS DO MÉTODO

A pesquisa desenvolvida trata-se de um estudo de campo com abordagem qualitativa, do tipo descritivo, onde serão descritas as dificuldades, metodologias e estratégias no ensino da educação sexual nos anos finais do ensino fundamental em Pinheiro-MA pelos professores, e quais ações podem ser colocadas em prática como forma de contribuir na resolução de possíveis problemas.

Foi utilizado as pesquisas exploratória e descritiva onde o pesquisador foi até o local de estudo aplicar os questionários levantando dados para o desenvolvimento da pesquisa. Desta forma, foi realizada análise das respostas dadas pelos alunos e professores das escolas participantes, a respeito do ensino da educação sexual no ambiente escolar.

Já a pesquisa descritiva ocorreu a partir da execução do projeto nas escolas onde foi possível observar e descrever de maneira sincera as experiências em sala de aula em conformidade com a realidade.

O estudo ocorreu nos meses de abril a maio de 2025 envolvendo professores e alunos dos anos finais do ensino fundamental (8º ano). Primeiramente na escola Dr. Pedro Lobato na escola Agostinho Ramalho Marques no turno matutino, ambas são escolas públicas municipais da zona urbana de Pinheiro-MA. Na ocasião, foram aplicados questionários com professores e alunos, a fim de levantar dados sobre a temática abordada neste projeto, seguido por elaboração e aplicação de sequência didática sobre educação sexual.

Os materiais necessários para a composição do projeto foram a aplicação dos questionários impressos, um com a finalidade de apenas diagnosticar quais os conhecimentos prévios que os alunos possuem acerca da temática, e o outro direcionado aos professores objetificando quais dificuldades e metodologias a serem relatadas por eles. O questionário diagnóstico continha em torno de 10 perguntas onde tratava sobre a temática educação sexual, saúde reprodutiva, e gênero e sexualidade, sendo totalmente objetivo o questionário possuía apenas alternativas SIM/NÃO, e foi aplicado em duas escolas públicas no Maranhão nos anos finais do ensino fundamental especificamente as escolas Dr. Pedro Lobato e Agostinho Ramalho Marques no município de Pinheiro nas turmas do 8º ano, respectivamente as turmas 8C e 8A, os alunos têm em torno de 12 a 14 anos e ao todo foram 56 participantes responderam questionário diagnóstico, o que contribuiu para a execução do projeto.

Já o questionário referente aos dois professores continha também em torno de 10 perguntas, onde foram perguntados I- Quais as dificuldades de se ensinar educação sexual na sala de aula? II- Quais as metodologias usadas enquanto professores de ciências? e III- O seu real posicionamento em relação ao ensino da educação sexual nas escolas públicas? É importante descartar que os professores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, participando voluntariamente da pesquisa. Vale-se ressaltar ainda que tanto alunos quanto professores terão suas identidades mantidas em sigilo e assegurando o anonimato de suas respostas.

Após aplicação dos questionários tanto para o diagnóstico, e referente aos professores de ciências responsáveis pelas turmas, foi preparado planos de aulas referentes ao questionário diagnóstico e ministradas em uma sequência didática as turmas dos anos finais do ensino fundamental.

Como metodologia e estratégia de ensino e aprendizagem foi preparado previamente duas atividades lúdicas sobre a temática, a primeira foi sobre os métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis, denominada de "Boliche: Métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis", a dinâmica foi idealizada pela professora Renata Fernandes efetiva da rede pública estadual no Rio Grande do Norte, empreendedora, formada em ciências biológicas e possui especialização em ensino de biologia.

Já a segunda atividade lúdica foi desenvolvida pelo pesquisador sobre gênero e sexualidade provendo assim a aprendizagem de forma dinâmica. Com o tema "Desconstruindo estereótipos de gênero", a atividade lúdica foi dividida em duas fases. A primeira fase era mais competitiva, dividindo a sala em dois grupos mesclados entre meninos, meninas, e após jogamos "Passa ou Repassa". A segunda fase da atividade lúdica era mais reflexiva, pois seria desconstruído estereótipos de gênero, ou seja, denominações que recaem sobre o gênero feminino e masculino como se fossem moldes que devem ser seguidos o que torna os seres humanos reféns de rótulos sociais.

Todos os dados foram analisados e descritos objetificando a importância do ensino da educação sexual, as dificuldades encontradas pelos profissionais da educação e as ações de estratégias que visam o repasse dos conteúdos ao corpo discente da instituição.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Tabela 1 é possível observar as respostas do questionário diagnóstico dadas pelos alunos em números percentuais sobre a educação sexual, saúde reprodutiva, gênero e sexualidade. A identidade dos alunos foi mantida em sigilo, assegurando o anonimato de suas respectivas respostas.

Tabela 1- Resultados percentuais do questionário diagnóstico sobre a temática educação sexual nas escolas Dr. Pedro Lobato e Agostinho Ramalho Marques nas turmas 8C e 8A.

PERGUNTAS	SIM	NÃO
1- Você sabe o que é educação sexual?	78%	22%
2- Você já ouviu o termo " Educação sexual"?	85%	15%
3- Você já ouviu falar das infecções sexualmente transmissíveis (IST's)?	54%	46%
4- Conhece alguém que já foi infectado?	23%	79%
5- Sabe onde buscar ajuda caso tenha sido colocado em situação de risco?	76%	24%
6- Já ouviu falar em gravidez precoce (Gravidez na Adolescência)?	89%	11%
7- Conhece alguém que teve que deixar de ir à escola por causa da gravidez?	67%	33%
8- Sabe a diferença entre orientação sexual e gênero?	15%	85%
9- Sabe o que é feminicídio?	64%	36%
10- Já leu ou ouviu quais fatores levam para que ocorra esse crime?	25%	75%

Fonte: Autores, 2025.

Com a aplicação do questionário diagnóstico foi possível visualizar quais conhecimentos os alunos já possuíam acerca da temática a ser abordada, o que foi um ganho muito importante para execução da pesquisa.

Um fato curioso é que a maioria dos alunos já ouviram o termo educação sexual, porém 22 % dos mesmos não sabem o que de fato é educação sexual, ou não sabem articular um pré-conceito para a definição. A pergunta de número 3, 4, 5, 6 e 7 trata do tema saúde

reprodutiva abordando as infecções sexualmente transmissíveis e a gravidez precoce, 54 % dos alunos responderam saber o que são as IST's e 23 % dizem conhecer alguém que já foi acometido por elas. Se tratando de profilaxia e tratamento 76 % dos alunos relatam saber onde buscar ajuda caso tenham se colocados em situação de risco, o que extremamente importante para o tratamento precoce das IST's (Tabela 1).

As perguntas 8, 9, 10 são sobre o tema gênero e sexualidade. Perguntados se sabiam a diferença sobre gênero e orientação sexual, apenas 15 % dos participantes responderam que “sim”, o que é possível observar que a maioria dos alunos não conseguiria diferenciar os termos não podendo se reconhecer em um meio social. A nona e décima pergunta tratam de um crime que durante a pandemia do Covid-19, teve um movimento expressivo de casos no Brasil e no mundo contribuindo assim para o aumento do feminicídio (homicídio de mulheres), 64 % dos alunos disseram que sabem o que é feminicídio, e apenas 25 % se dizem saber ou ouviram quais fatores influenciam para o aumento crescente desse crime (Tabela 1). O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) relata que por hora 100 mulheres são agredidas no Brasil, e a violência doméstica, o machismo e a misoginia são alguns dos fatores influentes para que ocorra esse crime hediondo.

Também foi aplicado um questionário para os professores responsáveis pelas turmas (Quadro 1), que continham 10 perguntas onde foi perguntado: I- Quais as dificuldades de se ensinar educação sexual na sala de aula? II- Quais as metodologias usadas enquanto professores de ciências? e III- O seu real posicionamento em relação ao ensino da educação sexual nas escolas públicas? A identidade dos professores também foi mantida em sigilo e para identificá-los na tabela os participantes receberam a denominação de “P1” e “P2”.

Quadro 1- Percepções dos professores de Ciências sobre Educação Sexual das Escolas Municipais de Pinheiro-MA.

Questão1: Quando falamos em educação sexual, o que vem a sua mente?	
P1	Que todas as pessoas tem o direito de ser educada sexualmente, para poder se cuidar e se proteger do eventuais abusos e perigos.
P2	Um conjunto de saberes relacionados à anatomia, fisiologia, psicologia que envolvem o ser emocional.

Questão 2: Qual a sua opinião em relação ao ensino da educação sexual no ensino fundamental?	
P1	Que é necessário, assim como o ensino de matemática e outros temas que são ensinados na escola.
P2	Extremamente relevante, pois esse ensino contribui significativamente a maturidade sexual e emocional dos alunos.
Questão 3: Qual a sua posição em relação ao ensino da educação sexual nas escolas públicas?	
P1	Que deve ser ensinada, pois de uma forma ou de outra os jovens vão se relacionar sexualmente e se o indivíduo tiver conhecimento ele não será prejudicado.
P2	Minha posição é favorável à implementação dessa modalidade de ensino, não só como tema transversal mas também como componente curricular.
Questão 4: Como professor(a) de Ciências quais as dificuldades de se ensinar educação sexual na sala de aula?	
P1	Eu não tenho nenhuma dificuldade em falar sobre o tema educação sexual em sala de aula.
P2	As principais dificuldades ainda são os tabus fortemente enraizados na nossa cultura. Na grande maioria por parte dos pais, e outros colegas de profissão.
Questão 5: Quais as suas metodologias usadas no ensino da educação sexual enquanto professor(a) de Ciências do ensino fundamental? Como aborda o tema em sala de aula?	
P1	São as aulas explicativas dialogadas, leitura de texto informativos.
P2	Geralmente na forma de dinâmicas e roda de conversa, de uma forma que seja leve e descontraída.
Questão 6: Você concorda com a seguinte frase "a educação sexual nas escolas corrompe nossas crianças e adolescentes". Justifique sua resposta.	
P1	Não, pois a educação sexual não corrompe ninguém e sim esclarece e tira dúvidas, alerta os perigos que a pessoa possa ser acometida por falta de conhecimento.

P2	Certamente que eu não concordo, a frase além de ser profundamente ignorante, é de um retrocesso inconcebível para os dias atuais.
Questão 7: A educação sexual sempre foi vista como um tabu na sociedade e na escola não é diferente. Você concorda que o ensino da educação sexual nas escolas forma cidadãos mais conscientes de suas ações no meio social, sexual e afetivo? Justifique sua resposta.	
P1	Sim, pois uma sociedade esclarecida tende a diminuir as agressões e vive com mais consciência e respeito.
P2	Com toda a certeza concordo, e além de cidadãos mais conscientes, contribui para a diminuição dos preconceitos sociais.
Questão 8: As infecções sexualmente transmissíveis (IST's) são um grande problema de saúde pública. A Organização Mundial da Saúde (OMS) relata que cerca de 1 milhão de pessoas contraem algum tipo de infecções sexualmente transmissíveis no mundo por dia. Diante disso, quais medidas deveriam ser adotadas para que possa informar um determinado público-alvo?	
P1	Deveria ver mais divulgação por parte dos meios de comunicação, para que um maior número de cidadãos tivesse conhecimento da situação.
P2	Acredito que a secretaria da saúde em parceria com a secretaria da Educação realizasse palestras e oficinas que reforcem a informações sobre cuidar e prevenção junto as escolas.
Questão 9: A evasão escolar é um problema educacional bastante conhecido e atrelado há vários fatores, e um deles especificamente é a gravidez precoce (gravidez na adolescência) que acarreta tanto problemas educacionais, sociais e de saúde. Com base na sua vivência escolar quais métodos devem ser tomados para evitar que esse problema mantenha uma onda crescente?	
P1	Eu não diria métodos, mas sim, esclarecimento, pois partindo da premissa que um jovem tem conhecimento do seu próprio corpo e sabe as consequências de uma relação sexual desprotegida ele(a) pode evitar a gravidez precoce.
P2	Gravidez precoce é uma das quantas que transcende a capacidade da escola, embora ela possa contribuir para seu declínio. Mas me parece uma questão mais socioeconômica das famílias.

Questão 10: No Brasil segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), cerca de 100 crianças e adolescentes são abusados por dia, e 76 % desses casos acontecem no ambiente familiar. Vários estudos apontam que quando há o ensino da educação sexual no âmbito familiar e educacional essa estimativa decai pelo fato de que as crianças e adolescentes estão cientes de que atitudes não podem violar seus limites por saber o que não pode ser feito com eles. Você concorda que o ensino da educação sexual nas escolas públicas no ensino fundamental pode tornar esses índices ainda mais baixos? Justifique sua resposta.	
P1	Sim concordo, pois só a educação tem o poder de mudar a sociedade.
P2	Acredito que sim, a educação bem orientada sempre é capaz de contribuir de maneira positiva sobre a vida dos alunos. A implementação segura da educação sexual fortalece ainda mais quando a escola tem um apoio e incentivo das famílias.

Fonte: Autores, 2025.

Na pergunta de número 4 o/a professor (a) P1 relata que não possui nenhuma dificuldade em abordar o tema educação sexual na sala de aula, já o P2 explicita os tabus fortemente enraizados na nossa sociedade, e que por muitas vezes encontra represálias por parte dos pais e colegas de profissão.

As metodologias relatadas pelos professores são convencionais, e possuem um grande grau de eficiência, visto que cada professor escolhe qual metodologia é adequada a cada turma. A pergunta de número 8 traz um grande problema de saúde pública, que são as IST's, os profissionais relatam que se deve ter mais divulgação por parte da mídia e propostas de intervenções pedagógicas entre a secretária de educação juntamente com a de saúde, como a promoção de oficinas e distribuição materiais informativos.

Após a aplicação dos questionários, foram analisadas as respostas dadas pelos alunos que serviram de suporte para a preparação das aulas, onde foram feitos planos a partir das mesmas. Para isso foram feitas pesquisas e logo após o planejamento de qual abordagem seria mais eficaz na sala de aula contribuindo para o ensino e aprendizagem dos alunos.

Foram também utilizadas atividades lúdicas como ferramentas e estratégias de ensino e aprendizagem na sala de aula promovendo assim o saber teórico-prático.

A ministração das aulas ocorreu primeiramente na instituição de ensino Dr. Pedro Lobato no 8º ano na turma 8C no dia 03 de abril de 2025. Inicialmente foi realizada a contextualização do que era a educação sexual e foi perguntado para os alunos o que entendiam sobre educação sexual, não buscando um conceito pré-definido, mas tentando trazê-los para dentro da temática a ser abordada, já que a educação sexual é um tema transversal previsto no componente curricular de ciências do 8º ano de acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), onde costuma ser trabalhada pelos livros didáticos apenas como reprodução humana sem estimular o pensamento crítico-reflexivo. As primeiras aulas foram sobre saúde reprodutiva e reprodução humana, abordando a puberdade, período que marca o fim da infância e o início da fase jovem-adultos e geralmente mostra mudanças significativas no aspecto fisiológicos e a produção de hormônios pelos nossos corpos, assim também como o desejo no âmbito sexual e descobrimento da sexualidade, as turmas possuem uma grande quantidade de alunos o que foi um desafio manter a atenção deles para dentro da temática abordada. Os alunos se mostraram extremamente abertos a temática participando ativamente das aulas e questionando sobre até quando dura o período da puberdade e se ela poderia acontecer tardiamente. Continuando a regência da aula perguntei-lhes quais métodos contraceptivos já tinham ouvidos falar, e de prontidão responderam o método contraceptivo, mas comum que é a camisinha, porém muitos não tinham o conhecimento sobre a camisinha feminina o que levou a um debate interessante sobre o machismo que irei abordar em gênero e sexualidade.

O segundo método contraceptivo mais citado pelos alunos foi a pílula anticoncepcional, conhecida popularmente como pílula do dia seguinte é um medicamento ingerido oralmente, o terceiro método contraceptivo mais citado pelos alunos foi a injeção anticoncepcional, método contraceptivo em forma de líquido. Ao todo trabalhamos 8 métodos contraceptivos, abordando sua eficácia, seu uso e assim também os efeitos colaterais provocados por eles. Para a explicação foram divididos os métodos contraceptivos em duas etapas, métodos hormonais e sem hormônios.

Os métodos hormonais como o próprio nome sugere são fabricados a base de hormônios como a progesterona (hormônio feminino), e o estrogênio, dentre eles podemos citar o a pílula do dia seguinte, DIU (dispositivo intrauterino), Injeção anticoncepcional, e Implante anticoncepcional. Já os métodos contraceptivos que não usam hormônios são, a camisinha, o DIU de cobre, laqueadura e vasectomia.

Cada um desses métodos fora apresentado aos alunos, e abordados de forma que pudessem compreender a suas eficácias, a maneira correta ao utilizá-los e assim também os efeitos colaterais que os mesmos provocam, vale-se se ressaltar também que foi perguntado quais dos métodos contraceptivos protegiam contra as infecções sexualmente transmissíveis e gravidez precoce já dando um pontapé inicial para o próximo subtema.

A OMS considera a gravidez na adolescência como uma gestação de alto risco, isso porque o corpo do adolescente não está totalmente desenvolvido para suportar um feto, além de ocasionar inúmeros problemas a gravidez na adolescência pode levar a consequências emocionais, sociais e econômicas para a saúde da mãe e seu filho e ocorre no extremo inferior da vida reprodutiva que é dos 10 aos 19 anos de idade (Costa, 2011).

Segundo a OMS 400 mil casos de gravidez na adolescência são notificados por ano somente no Brasil ao Ministério da Saúde. Perguntados os alunos disseram que conhecem ou já tiveram contato com alguma adolescente grávida. Mantendo o raciocínio foi lhes perguntado se a adolescente grávida que conheceram ou tiveram contato sofreu alguma alteração na sua rotina diária, onde terá que se readaptar a uma nova rotina que preze não só por cuidados consigo mesma, mas também com cuidados de um novo ser vivo que um pouco mais tardiamente irá nascer, e se o seu "cônjuge" sofreu também alguma mudança em seu estilo de vida, o que foi prontamente negado pelos alunos nos levando a discutir o abandono paternal, onde o pai abdica de suas responsabilidades paternas não assumindo nenhuma responsabilidade mediante aos seus atos, é claro que há exceções, porém o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) relata que o número de mães solas tem crescido a cada ano no Brasil, e o abandono paternal é um dos fatores que mais contribui para o crescimento desse número.

Para nossa última aula referente ao tema saúde reprodutiva foi abordado um dos graves problemas de saúde pública que são as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), é importante destacar que a nomenclatura foi alterada, antes e ainda hoje encontradas em algumas literaturas como doenças sexualmente transmissíveis não faz mas

jus a antiga nomenclatura (DST), isso porque nem todas as infecções irão desenvolver a fase da doença, um grande exemplo disso é a diferenciação do HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) que é o vírus, ou seja a infecção que irá causar mais tardiamente a AIDS.

Todos os dias pelo menos um milhão de pessoas contrai algum tipo de infecção sexualmente transmissível no mundo. Na maioria dos casos por não apresentarem sintomas que são reconhecidos com alguma IST ou se tratando de infecções assintomáticas esse número pode ser ainda maior, e dentre estas infecções temos o HIV, a sífilis e as hepatites B e C (OMS, 2016).

Se tratando de um público infanto-juvenil a abordagem em relação as infecções sexualmente transmissíveis foram de forma geral, prezando pela explanação do agente causador, sintomas, profilaxia (como evitar), e o tratamento. Existem várias infecções sexualmente transmissíveis, algumas bem comuns e outras que requerem um pouco mais de preocupação.

Ao todo trabalhamos 6 infecções sexualmente transmissíveis, sendo elas condiloma acuminado (HPV), sífilis, gonorreia, HIV (AIDS), herpes genital, e a candidíase. Algumas dessas IST's já eram de conhecimento de alguns alunos pois eles já conheceram alguém que já tinha sido infectado por elas.

Como metodologia e estratégia de ensino e aprendizagem foi preparado previamente uma atividade lúdica sobre os métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis, denominada de "Boliche: Métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis" (Figura 1), a dinâmica foi idealizada pela professora Renata Fernandes efetiva da rede pública estadual no Rio Grande do Norte, empreendedora, formada em ciências biológicas e possui especialização em ensino de biologia. Para a preparação e execução da dinâmica foram seguidos os seguintes passos e adaptados a realidade escolar vivenciada.

A atividade lúdica foi extremamente satisfatória, isso porque os alunos gostam de algo que fuja da sua rotina escolar promovendo o aprendizado de forma divertida. Continuando com a aplicação do projeto sobre educação sexual na instituição de ensino colégio Dr. Pedro Lobato as aulas a serem ministradas foram sobre gênero e sexualidade, um tema um pouco polêmico quando se fala sobre educação sexual, mas de extrema importância a ser abordado na sala de aula. Para essa aula foi pedido que os alunos abrissem

suas mentes e se desprendessem de rótulos sociais, partindo do ponto em que o significado de gênero é uma construção da sociedade que decidiu o feminino e o masculino, assim também como "coisa de menina" e "coisa de menino".

Figura 1- Passo a passo da preparação e execução da dinâmica.

Materiais Necessários	Como Jogar:
12 Garrafas pets	Divida a turma em dois grupos. Em cada rodada, o grupo escolhe um representante para lançar a bola e escolher um pino que for derrubado. Após os dois grupos estarem com seus pinos, estabeleça um tempo no cronômetro para a resposta. Ganha a rodada o grupo que conseguir responder de forma correta e em menos tempo. Cada rodada vale 1 ponto. Ao final, o grupo que obter mais pontos é o vencedor.
Um bola	
Celular	
Histórias de personagens. (Cartilha).	

Fonte: Ciências Experimental.

A manifestação de diferentes sujeitos com bagagens culturais diversificadas no interior da escola nos faz pensar sobre os processos de interação que ocorre durante as relações sociais. Quando o acesso ao ensino fundamental pode ser considerado universalizado em todo Brasil precisamos também pensar nos processos de exclusão social que ocorre dentro das escolas que produzem comportamentos machistas e misóginos em relação as trajetórias e comportamentos desiguais (Freitas, 2007).

A expressão "menino veste azul, e menina veste rosa" é um dos princípios da heteronormatividade, sistema que preza pelos conjuntos de padrões impostos pela sociedade dependente do sexo biológico, esses conceitos foram abordados na sala de aula para que os alunos pudessem compreender o conceito de gênero no meio social.

Durante as eleições no Brasil em 2018, um termo em questão entrou aos holofotes da comunidade conservadora e cristã no Brasil, propagada como "Ideologia de Gênero" um conceito falso para desqualificar e retroceder as lutas das mulheres e da comunidade

LGBTQIA+, isso porque o conceito de ideologia de gênero prevê que fosse um conjunto de ideias sobre o gênero algo que é inviável. Acreditasse que esse termo surgiu em 1998 em uma nota emitida pela Conferência Episcopal do Peru intitulada “Ideologia de gênero: seus perigos e alcances”.

O evento nacional que reúne bispos de todo o país, é uma tradição da Igreja Católica no mundo inteiro e esse termo foi usado de forma errônea a refere-se a identidade de gênero, que é como a pessoa se reconhece independente do sexo biológico. Ainda sobre gênero foi abordado machismo e misoginia como reproduções sociais, como dito anteriormente ao falarmos sobre essas formas de preconceito lembrei sobre métodos contraceptivos da aula de saúde reprodutiva onde foi perguntados aos alunos que dos 8 métodos contraceptivos que estudamos quantos eram de uso masculino, onde responderam que apenas 2 eram usados por homens e que não sabiam da existência da camisinha feminina explanando como o machismo ainda afeta diariamente meninas e mulheres dentro do meio social.

As meninas sempre foram ensinadas que mulheres não devem ser másculas e viris, devem estar sempre bem bonitas e arrumadas e submissas, não devem pensar em sexo, e o que foge desse padrão é considerado uma aberração, porém ao sexo masculino tudo é permitido, se saem com muitas mulheres são considerados "pegadores", usam da força bruta e é considerado "natural", em uma sociedade machista é muito fácil ser homem.

A misoginia é uma reprodução social muito frequente na sociedade, podemos dizer que é o braço direito do machismo, isso porque enquanto o machismo prega a superioridade sobre o gênero feminino a misoginia prega o ódio e aversão as mulheres. Uma frase clássica e misógina é "o único avião que mulher sabe pilotar, é o fogão da cozinha", essa frase ainda é presente atualmente e que ainda dificulta alcançar o 5º dos 17º objetivos do desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas que é a igualdade de gênero.

Durante a pandemia do Covid-19 os casos de violência doméstica aumentaram consideravelmente no Brasil e no mundo contribuindo assim para o aumento do feminicídio (homicídio de mulheres). O IBGE (Instituto Brasileiro de geografia e estatísticas) relata que por hora 100 mulheres são agredidas no Brasil, e o machismo e misoginia são alguns dos fatores influentes para que ocorra esse crime hediondo.

Foi perguntado aos alunos se conhecem alguém que já sofreu alguma agressão doméstica e relataram que sim, e infelizmente na própria família. Continuando o raciocínio foi lhes perguntado se conhecem a história de Maria da Penha Maia Fernandes, uma mulher que foi agredida por 6 anos pelo seu próprio marido com quem tem três filhos e sofreu um atentado sua a vida com arma de fogo que a deixou tetraplégica.

Penha lutou bravamente na justiça para que seu ex-marido fosse condenado e virou uma forte ativista pelos direitos das mulheres, e em 2006 foi criada a Lei Maria da pena (Lei nº 11.340/2006) que visa julgar e condenar agressores e assassinos de mulheres.

Alguns alunos disseram que sim, que já conheciam a história de Penha e relataram que as mulheres as vezes não denunciam por medo do que o parceiro(a) podem fazer, além da dependência emocional e financeira que as vítimas têm que lidar. Como estratégia de ensino e aprendizagem foi pedido que os alunos fizessem uma autoavaliação de si mesmo e refletissem sobre que o eram além dos papéis sociais, e fizessem um texto a partir da pergunta " Quem sois vós além dos padrões impostos pela sociedade", instigando a demonstrarem seus gostos, e hobbies, independente do seu sexo biológico.

Para nossa última aula referente a gênero e sexualidade, foi abordado as diversidades sexuais, enquanto gênero é colocado em uma caixa de padrões que deve ser seguido de acordo com o sexo biológico, a sexualidade vai além, alguns autores definem a sexualidade como um espectro, isso porque os seres humanos possuem três dimensões que compreendem a sua sexualidade humana, sendo a social, afetiva e sexual, podemos dizer então que a sexualidade não se prende a rótulos e sempre está em constante descobrimento.

Durante a aplicação do questionário diagnóstico foi perguntado aos alunos se sabiam a diferença entre orientações sexuais e gênero, o que prontamente responderam que era orientar durante o sexo, o que é errôneo. Apesar da nomenclatura orientações sexuais, não tem a ver como a pessoa será orientado, e sim direcionado compreendendo suas dimensões humanas a qual gênero ou mais, irá atrair-se sexualmente, afetivamente ou socialmente.

Há uma grande diversidade de orientações sexuais, dentre elas podemos citar, a heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, pansexualidade, transgêneros, cisgêneros, travestis, assexuais, não-binários, intersexos etc., cada uma dessas orientações fora apresentada e conceituada aos alunos e para alguns foi possível ter um certo grau de identificação.

Foi perguntado aos alunos se conheciam a comunidade LGBTQIA+, população marginalizada que está à mercê de políticas públicas e de mínimos direitos garantidos, isso porque segundo o IBGE (2022) cerca de 94,8 % da população brasileira se declara heterossexual, e apenas 1,2 % se declaram homossexuais e 0,7 % bissexuais. O preconceito e incitação ao crime de ódio no Brasil contra essa população ainda mantém uma onda crescente o que faz com que a comunidade LGBTQIA+ se sintam preocupados em relação a sua integridade física e mental.

Para nossa última aula referente ao projeto sobre educação sexual foi desenvolvida uma atividade lúdica sobre gênero e sexualidade provendo assim a aprendizagem de forma dinâmica. Com o tema " Desconstruindo estereótipos de gênero" a atividade lúdica foi dividida em duas fases. A primeira fase era mais competitiva, dividindo a sala em dois grupos mesclados entre meninos e meninas e após jogamos " Passa ou Repassa".

A brincadeira foi organizada da seguinte maneira: foi pedido que ambos os lados escolhessem um nome para representar o grupo e após foi o representante de ambos os lados jogaram pedra, papel e tesoura para saber qual lado começaria, após o professor moderador faria uma pergunta sobre os conceitos abordados em sala de aula referente a gênero e sexualidade e o lado escolheria se respondia ou passava a pergunta, caso respondesse certo pontuava e se errasse pagava uma "prenda" escolhida pelo grupo adversário,

A segunda fase da atividade lúdica era mais reflexiva, pois seria desconstruído estereótipos de gênero, ou seja, denominações que recaem sobre o gênero feminino e masculino como se fossem moldes que devem ser seguidos o que torna os seres humanos reféns de rótulos sociais.

A segunda fase funcionaria da seguinte maneira, o professor moderador iria ler uma frase totalmente carregada de estereótipo de gênero como por exemplo "o único avião que a mulher sabe pilotar é o fogão da cozinha", "futebol é coisa de homem", "homens são mais eficientes que mulheres, por isso devem receber um salário maior independente se realizam as mesmas funções", e cada grupo iria desconstruir a frase dando um novo sentido promovendo a igualdade de gênero. Por fim todos os alunos foram extremamente participativos o que culminou para o sucesso da dinâmica.

Já a aplicação do projeto referente a educação sexual na escola Agostinho Ramalho Marques se deu início no dia 14 de maio de 2025 no 8º ano na turma 8A, e foi executado em uma sequência didática de aulas a serem ministradas, vale se ressaltar que foi aplicado o mesmo questionário diagnóstico e foram usadas a mesmas metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem visando a compreensão do assunto abordado pelos alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho permitiu uma análise geral sobre o ensino da educação sexual em escolas públicas nos anos finais do ensino fundamental em Pinheiro-Maranhão. É viável que as metodologias abordadas pelos professores de ciências possuem um grau de eficácia, mas é de conhecimento que o ensino da educação sexual em Pinheiro ainda está longe de ser algo simples e naturalizado.

A pesquisa também demonstrou que a educação sexual é um tema que nem todos os professores estão preparados para abordá-lo, isso porque na maioria das vezes causa insegurança e isso é atribuído pela falta de capacitação, formação continuada dos professores, e a falta de material didático escolar adequado para que possa ser ministradas as aulas sobre educação sexual como tema transversal, e não só como teor biológico na sala de aula.

Também é notório que os professores são favoráveis a implementação da educação sexual não apenas como tema transversal, mas como componente curricular da grade de ensino das escolas públicas. Ainda foi possível observar o comprometimento e abertura dos alunos em relação a temática abordada.

É necessário ressaltar importância de se promover políticas públicas que visem o melhoramento e aperfeiçoamento da educação sexual nas escolas públicas, assim também como o planejamento e execução de projetos pedagógicos voltados a essa temática pois contribuirá para o processo formativo dos alunos. Por fim, ainda resalta a necessidade de se promover projetos pedagógicos de intervenção nas escolas públicas, a fim de fortalecer e ampliar a discussão com toda comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei n. 11.340 de 07 de agosto de 2006. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. 06. ago. 2006. Disponível em: ><https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=11340&ano=2006&ato=4b0gXTU5kMRpWT5c7><. Acesso em: 19 fev. 2025.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.126p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

FLORA, Marília Costa *et al.* **Intervenções de educação sexual em adolescentes: Uma revisão sistemática da literatura**. Revista de Enfermagem Referência, v. 3, n.10, p.125-134, 2013. Disponível em:<<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjpnug478AhXMq5UCHZzHDJcQFnoECBMQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.redalyc.org%2Fpdf%2F3882%2F388239969015.pdf&usg=AOvVaw0HhP79uj4JURd4P7niKex.pdf>>. Acessado em:12 de abr. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. **Infections sexuellement transmissibles**. Geneva, 2016. Disponível em:<<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs110/fr/>>. Acesso em: 12 mar. 2025.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marcal; BEDIN, Regina Célia. Notas preliminares sobre historiografia da educação sexual brasileira: apontamentos de uma cronologia descritiva: 1) Atitudes e comportamentos sexuais no brasil nos documentos da inquisição dos séculos XVI e XVII. **Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação**, p. 149-168, 2013.

ROSEMBERG, Fúlvia. A educação sexual na escola. **Cadernos de Pesquisa**. N. 53, p. 11-19 maio 1985.

SAITO, Maria Ignez, LEAL, Marta Miranda. Educação sexual na escola. São Paulo, **Pediatria**, 2000, 22(1): 44-48, jan.-mar.

VIDAL, Diana, Gonçalves. **Sexualidade e docência feminina no ensino primário do Rio de Janeiro (1930-1940)**. Novos estudos de gênero no Brasil. São Paulo: Editora 34, 1998. p. 281-313.

Recebido em: 25/07/2025

Aprovado em: 27/09/2025